

Painel Inter-Religioso

ZEN Budismo

Palestrante: IRMÃO ANANTO PREM (Rogério Ananto): monge zen budista, médico e professor assistente no Templo Zen do Cuidado Amoroso Eterno, *Eininji*, Rio de Janeiro, afiliado à Ordem Zen Internacional dos Construtores da Paz (ZPI).

1ª Pergunta: *Como a sua tradição religiosa enxerga os conflitos sociais, extremismos ideológicos, intolerância e violência entre povos, governos, instituições e religiões e que propostas tem para promover a paz e a harmonia entre os diferentes povos e culturas deste planeta?*



Com carinho, é uma honra estar com vocês, hoje, compondo a mesa! Acho que há alguns pontos importantes para começar: o primeiro é o termo “religião”! Significa “religar”! Religar algo a esse divino, a esse mistério, a esse “não saber”! E esse é um ponto que já começa a gerar tantas formas diferentes que (fica a pergunta): “religar o quê a quê”? Nesse ponto, Jesus diz que Ele e o Pai são Um! Qual é a diferença? Como Jesus vai se reconectar ao Pai? Como a gente vai se reconectar com esse mistério da vida que se manifesta em todas as formas e em tudo que existe, se não existe distinção entre as duas formas? E esse é um ponto claro, pois a vida é paradoxal, não é? O que eu vou dizer agora pode ser extremamente paradoxal, uma vez que estou representando uma religião. Mas a religião, como instituição é um cofator, um subproduto. Numa estrutura social em que as pessoas se conheçam mais, sejam mais próximas, como personalidades que realmente são, *seria absolutamente desnecessária*! Vejam: a religião ocupa um papel social fundamental que é *aglutinar*! Trazer a possibilidade de a gente sentar, conversar, passar as experiências que são vividas por todos que estão aqui. Mas esse mistério da vida está se manifestando de maneira contínua em tudo que há: na cadeira em que a gente senta, na meia que a gente veste, na comida que a gente come... e esse mesmo mistério se estabelece de maneira clara em tudo que é divino! Claro que é difícil de enxergar! Fica mais fácil de olhar para isso quando a gente ressignifica; quando a gente olha para alguém, para uma figura que a gente coloca numa certa posição de autoridade e que, de certa forma vivencia isso, também, como parte da sua vida! É mais fácil vivenciar isso dessa forma! Mas, à medida que esse ‘olhar para dentro’ começa a se manifestar no seu dia-a-dia, a câmera (que está filmando o evento), o Sai Baba, o porteiro... são todos, manifestações desse mesmo mistério, que a gente pode chamar de “amor!” São, todos, formas de amor! E é difícil para a nossa personalidade, olhar para determinadas formas desafiadoras e enxergar o amor!

O ponto seguinte, em cima da questão do papel... de como a gente está vivendo isso, essa *urgência* acontece desde tempos imemoriais! Todos os relatos mais antigos, que começam lá na Índia, que dão origem ao próprio Yoga que, depois, foi se desenvolvendo como Vedanta, destacam um ponto que é o mesmo: *nós estamos degenerados*! Essa degeneração tem um sintoma perceptível, que a gente enxerga como nossas falhas de caráter, nossas falhas de função ... elas estão ali a milênios! E, aí sim a gente entra nessa discussão de estar vivendo um momento crítico! Qual é a urgência do momento? A gente se perceber *não distinto desse mistério*! Essa é a urgência! Uma vez que isso acontece, que começa a acontecer, você passa a ver que essa é uma manifestação que existe! Então, quando me perguntam o que é que eu faço, eu que sou monge, eu digo: eu tenho filho, também tenho vida... na tradição da qual eu faço parte, isso não é uma exigência da religião que eu não possa vivenciar os outros fundamentos da vida humana. Mas tenho que fazer isso de maneira extremamente coerente, entendendo que estou lidando com o mistério da vida a todo momento. Então, fica difícil ... e vou usar

uma palavra que vai ajudar: fica difícil eu mentir para Jesus – no meu dia-a-dia! E, quando eu encontro com o meu porteiro – é Jesus! São os meus olhos que não conseguem enxergar a manifestação de amor ... e o amor é puro!

Vejam: esse também é um ponto crucial: começar a discutir o amor! Na frase “eu amo você” existe o “eu”, o sujeito que ama determinado objeto. Pode ser minha mãe, minha esposa, meu filho, pode ser a instituição que eu aprecio, onde eu pratico, pode ser miríade de fenômenos que são perceptíveis aos sentidos. Ainda assim tem um sujeito que limita esse amor a um determinado objeto. E, quando eu olho para o Amor como sendo algo ilimitado, *incondicional*, o amor não pode ser submetido a uma condição que tem o “eu”, o sujeito que ama e o objeto amado. No momento em que eu digo Amor, um amor incondicional e eu o submeto ao “eu amo você”, eu gero um paradoxo. Como pode o amor que é incondicional, ser submetido a uma condição? E aí surge o ponto: *será que eu amo?* Ou será que eu vivencio de maneira bem egoísta – veja: todos nós somos egoístas; a estrutura da personalidade é assim – *eu vivencio o prazer que eu tenho na relação com você*; na relação que eu tenho com Sathya Sai Baba, com Jesus, com meu filho, com minha mãe? Será que não é essa sensação que estou chamando de amor? *Mas o amor não é uma sensação: amor é o mistério da vida manifesto!* E como a gente vivencia isso? Quando começa a olhar de forma menos condicionada para tudo que a gente percebe. Então, o Amor é incondicional; não está limitado a um “eu” que ama algum objeto ou alguém.

Então quer dizer que as minhas relações não são de amor? Ao contrário! São todas Amor. É um paradoxo, pois só existe “amor”. Mas é difícil enxergar amor na violência, no feminicídio, no estupro: é difícil enxergar amor nessas coisas. Krishna era um que enxergava amor nessas coisas; Jesus também enxergava amor nessas coisas! Isso não quer dizer que eles se omitiam no que devia ser feito! Em momento nenhum! Em momento nenhum! Então, uma coisa é olhar o Planeta e os fenômenos que estão em volta e entender que isso é manifestação de amor... outra coisa é se omitir e dizer “eu não tenho que fazer nada”! Não! No momento em que uma injustiça acontece, ela chama; é uma pergunta que exige uma resposta, um engajamento! O que não quer dizer que você deva *viver em engajamento sem ter pergunta!* No momento em que a pergunta se abre, se desdobra, a gente tem que lidar com isso! Como a gente lida com isso? Depende de como a nossa personalidade está centrada! O quanto essa personalidade está *firme nesse mistério ...* que não tem nome! No Zen Budismo, a gente chama esse “centro”; isso que aqui, culturalmente, a gente chama de “alma”; a gente chama de *Shunyata*, que eu vou traduzir como “vazio”! Como se a sensação fosse de vazio, mas não é assim. Veja! Olhe a quantidade de fenômenos em volta! Não tem como dizer que isso está vazio. Mas tem como entender que as minhas percepções, seja dos cinco sentidos, seja da imaginação ou da memória, elas ficam na periferia e não conseguem alcançar esse centro. Esse centro me parece imperceptível; inacessível aos sentidos e, por isso me parece que é vazio! Então o termo *Shunyata* aparece, na tradução em português como “vazio”. Mas não é vazio: é a manifestação de todas as coisas; de todas as formas! Qual o papel da religião nisso? Qual o papel da minha religião nisso? Mais um ponto crucial! Vejam: religião é aquilo que tem ritos. Se a gente assume uma postura de realizar determinados ritos, que sempre passam por acolhimento: por acolher, receber, obviamente isso é uma religião!

Então, quando perguntam se o Budismo é uma religião ou uma filosofia, os Budistas gostam de dizer que é uma filosofia. E a gente pensa: *claro que é religião!* Tem rito: tem casamento, tem funeral, tem ordenação, tem *ritos!* Então, a gente tem rito! Isso é religião! E a religião cumpre, sim, um papel social importante: de aglutinar, de trazer para perto; de promover um espaço em que a amorosidade seja mais fácil de ser percebida! Se não está funcionando assim, para! Olha de novo e revê!

Outro ponto fundamental nessa discussão é *o que a gente vivencia nesse dia-a-dia?* E volto àquilo que está sendo discutido desde o início, que é a amorosidade. *Eininji* quer dizer “templo do cuidado amoroso eterno”. Temos que cuidar de maneira amorosa, porque, na medida em que eu percebo que

a cadeira é o mesmo mistério da vida, indissolúvel e indivisível desse mesmo mistério – e eu vou usar um termo difícil (para isso): *Deus!* Porque Deus é um termo muito delicado: cada um entende de uma perspectiva. Mas, se a cadeira é *Deus*, não posso trata-la de forma não compassiva, não amorosa. Então, se eu chuto o armário em uma explosão de raiva, eu deixo de enxergar que o armário é Deus. Se faço isso de maneira inconsciente, sem perceber, sem dar a devida atenção e carinho, no momento em que percebo: *Opa! Não vi!* Nesse momento, busco meu centro, organizo-me de novo! É por isso que, na tradição Zen, principalmente na *Zen Soto*, que é japonesa – por isso eu estou de preto! Rapidinho, história rápida: Na China, não se podia usar as cores que se usavam na Índia, porque eram cores dos imperadores e os monges eram caçados. Precisavam usar cores mais escuras, que não chamassem atenção. A tradição foi para o Japão e todos passaram a usar preto. No Brasil, eu deveria estar de branco (risos)! O Brasil é um país quente, com uma multiplicidade enorme de culturas! Porque estou fazendo isso? Porque estou de preto, hoje? Porque estou no papel paradoxal de representar uma religião! Um papel social importante. Qual é o papel? Aglutinar e facilitar essa percepção da amorosidade!

2ª Pergunta: *Existe algum denominador comum entre todas as fés, sobre o qual se possa construir a paz?*

Quando fazemos esse movimento (unir as palmas das mãos) no Japão, que na Índia se chama *Namastê* e que vem da profunda percepção daquilo que eu sou, do Deus em mim que reconhece Deus em você, no Japão esse gesto é chamado de *gashô*, que significa: “absoluto e relativo não são dois”.

E aí a gente discute esse termo: paz! Paz que não inclui guerra, não é paz! Silêncio que não inclui som, não é silêncio! Isso quer dizer que a gente tem que ser a favor de matanças, de opressão social e das diversas mazelas que acompanham a humanidade desde o início dos tempos? E acompanha muito antes da vida se manifestar como humana! Não quer dizer que isso não faça parte, que tenha que ser excluído! Agora, ressalta qual é a posição que nós temos que ter em relação à vida. E voltamos ao ponto que estivemos discutindo desde o início: uma vez que a gente coloca os óculos da amorosidade e passa a enxergar esse princípio que anima tudo, o comportamento se modifica. Eu imagino que todos que estão aqui são *replicadores* e pessoas que atuam nessa função. É fundamental entender algo que está sendo feito aqui: se não ocorre *emoção*, não ocorre empatia e o comportamento não se modifica.

Por isso é tão importante a gente se voltar e entender o posicionamento daquele que está sendo excluído, seja qual for a causa envolvida. Não adianta um entendimento puramente intelectual dos fenômenos: se não entendemos a situação emocionalmente, voltando-nos para o coração que simboliza essa parte mais protegida, mais íntima em nós; se não fazemos isto e não percebemos de forma *empática* o que está acontecendo (com o outro), a gente não modifica comportamentos. Se estamos buscando um momento de vida em que a humanidade tenha mais paz – o que não quer dizer ausência de guerra – pois os opostos, volto a dizer, não são *opostos*; são olhares diferentes sobre um mesmo fenômeno ..., mas, enfim: se a gente não vivencia isso de maneira empática, não consegue ver essa modificação comportamental. Se isso não começa pequeno, dentro de casa, não tem como levar para a sua vida como um todo! Não adianta eu querer vivenciar a Paz Mundial! A paz mundial começa na paz das minhas relações. Se as minhas relações são pacíficas, o que compreende também *tratar os conflitos de maneira amorosa, respeitosa*, isso está dentro da ideia de que não há separação! Assim, posso dar início a algo que se aproxime dessa “paz”. Então, paz não significa ‘não ter guerra’, mas, sim, lidar com os conflitos de forma ética, carinhosa, amorosa. Acaba sendo um discurso único, de todos que estão aqui!

Agora: como fazer isso? Como colocar em prática? É no dia-a-dia! É olhar para os desafios que há em volta e se perguntar: “porque eu não consigo enxergar, nessa figura política ‘x’ a mesma amorosidade

que eu enxergo quando olho para o meu filho”? Onde estão os meus limitadores? O que não quer dizer que eu vá ser tolerante e dizer que quem cometeu um crime não deve ser preso! É preciso vivenciar causa e efeito relacionados àquela atitude! Alguém cometeu um crime e tem que ser preso! Não se deve vivenciar isso de forma emocionada e alijada (dos fatos)! O criminoso tem que vivenciar as consequências e ponto! De maneira clara e tranquila! Se isso implica em algum tipo de atrito, e vivenciamos isso no cotidiano de nossas vidas, inicialmente com quem está mais próximo! Por isso a família é algo tão maravilhoso e tão desafiador de se vivenciar essa amorosidade! Vivenciar esse mistério dentro das relações mais próximas, faz com que isso possa ser expandido para com quem está em volta e, em algum momento, para todo o mundo. E, em algum momento, não só para toda a humanidade, mas para tudo que existe! E entender que quando estamos comendo uma banana, *a vida está se alimentando da própria vida!* Essa banana é fruto de uma planta, que captou energia solar que chegou à Terra... e que o Sol, por sua vez, faz parte de uma estrutura galáctica, que se organiza em padrões cada vez maiores ... e estamos discutindo o princípio dos tempos e antes do próprio tempo!

Então, isso que vem se manifestando em complexidades cada vez maiores, até chegar nesse mistério que estamos vivenciando agora ... é a banana! Ao comer a banana, você entenderá que a vida está se alimentando de si mesma e, assim, vai olhar para isso com muito mais carinho, acolhimento, amorosidade!

Volto a dizer: o comportamento moral, que foi discutido aqui, é algo que brota da percepção compassiva, da compaixão, do amor! E o amor pode ser percebido o tempo todo! É a nossa personalidade que não enxerga! Nosso treinamento é limpar um pouquinho os óculos e tentar enxergar melhor! É calibrar isso! E sentar... olhar ... para poder vivenciar o silêncio que compreende o som; a paz que compreende a guerra! Na medida em que a gente está mais centrado e amoroso, essa guerra não vai ser tão perversa! Vai ter um pouquinho mais de amorosidade e carinho.

Que a gente consiga vivenciar absoluto e relativo em nosso dia-a-dia e não só em momentos ditos especiais! Todos os momentos são especiais! Todos são esse “verbo”, esse “vento que se respira”. Temos que estar abertos para isso! Não adianta achar que vai ser só nos momentos especiais! Sua esposa não se torna sua esposa no momento em que se casa! Seu filho não se torna seu filho no momento em que nasce! Muitas camadas aconteceram até que meu filho fosse percebido como meu filho! Mas qual percentual efetivo eu posso dizer que é “meu”, do “meu filho”? Olha quantas causas e consequências sem fim, sem tempo, sem início, dos meus pais, dos pais dos meus pais, do Sol, da galáxia... todas essas estruturas acontecendo de forma sincrônica e organizada, uma após a outra, uma após a outra ... até que nasce o Guilherme! É uma enorme pretensão dizer que é o *meu* filho! Guilherme é filho do mundo, filho da existência, filho do mistério... é o próprio mistério! Se for colocar em percentual numérico, um número irrisório: 0,00000000.... Para que eu diga que é meu! Tudo bem! É meu filho! Tenho carinho; consigo olhar para isso com mais clareza, mas mantenho esse olhar por detrás: ao mesmo tempo que consigo vivenciar essa relação de afeto e proximidade, personalidade, ao mesmo tempo eu digo: “Olha! E aquilo ali é Jesus! Ao mesmo tempo, é o mistério da vida! É a manifestação de tudo que existe!

Então, volto a dizer: que tenhamos cada vez mais capacidade de vivenciar absoluto e relativo em tudo que a gente faz! E aí fica muito mais fácil vivenciar essa paz! Que não seja algo utópico, mas algo que vivenciemos no dia-a-dia! Que as nossas relações sejam assim: quando nos vemos tomados por raiva – e, cuidado: o ponto não é não ter raiva; ela faz parte da condição humana – o ponto é não ficar raivoso, carregando essa raiva e explodindo o tempo inteiro! A questão é como lidar com as emoções e deixar que elas fluam, gerando o mínimo de problema possível! Isso é a cada instante. Há uma sucessão de infinitas possibilidades, de infinitos instantes! E lembrar que, se não emocionar, não muda comportamento. Só explicar... *‘lhufas’!* Tem que ter o mel! Tem que sentar lá e se abrir para a

experiência, seja qual for! Queremos uma vida mais pacífica? Vivenciemos absoluto e relativo em tudo que fizermos!



Painel Inter-religioso promovido pela Fundação Sathya Sai em 31/08/2019

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel, RJ